

**TRADIÇÃO E AMOR À TERRA:
Símbolo de Resistência na Obra “Torto Arado”
de Itamar Vieira Júnior**

Paula Vitória Sousa da Costa Cândido¹

Elisa Andrade Costa²

Resumo

A presente pesquisa aborda a trajetória da construção de cidadania gradativa que ocorre na obra *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior. A partir da análise da narrativa em seus aspectos estruturais e semânticos, é possível compreender os legados deixados pela escravidão e vigentes ainda no século XX, quando se passa a história. Compreende-se que, por muitas gerações, foi comum a subserviência aos grandes donos de terra em troca de partilha do que era plantado. Apenas com a postura de contestação crítica pelos mais jovens é que as transformações começam a ocorrer. Dessa forma, o amor à terra por uma comunidade quilombola desperta, em dado momento, o desejo de luta por sua propriedade como direito adquirido. Tal postura gera reflexões não só sobre o passado, mas também à escravidão contemporânea que será vencida apenas com a consciência cidadã diante das injustiças.

Palavras-chave: Cidadania. Opressão. Propriedade. Trabalho.

**TRADITION AND LOVE OF THE EARTH:
Symbol of Resistance in the Work "Torto Arado"
of Itamar Vieira Júnior**

Abstract

This research addresses the trajectory of the gradual construction of citizenship that takes place in the work *Torto Arado*, by Itamar Vieira Júnior. From the analysis of the narrative in its structural and semantic aspects, it is possible to understand the legacies left by slavery and still in force in the 20th century, when

¹Graduanda em Letras pelo UGB/FERP.

²Mestra em Literatura Brasileira pela UFRJ.

history is passed. It is understood that, for many generations, subservience to large landowners in exchange for sharing what was planted was common. Only with the posture of critical contestation by the younger ones did the transformations begin to take place. In this way, the love of land by a quilombola community awakens, at a given moment, the desire to fight for its property as an acquired right. Such a stance generates reflections not only on the past, but also on contemporary slavery, which will be defeated only with a citizen's conscience in the face of injustices.

Keywords: Citizenship. Opression. Propriety. Job.

Introdução

A literatura regionalista surgiu na época do Romantismo, buscando mostrar a identidade cultural do Brasil e suas peculiaridades advindas do interior. Franklin Távora (1876), afirmou no romance “*O Cabeleira*” que:

[...] todo o Norte enfim, se Deus ajudar, virá a figurar nestes escritos, que não se destinam a alcançar outro fim senão mostrar aos que não a conhecem, ou por falso juízo a desprezam, a rica mina das tradições e crônicas das nossas províncias setentrionais.(p,18)

Por essas palavras, pode-se perceber a idealização que rondava as narrativas voltadas a mostrar as belezas exóticas do campo, a fim de introduzi-las na literatura, com a atenção voltada ao nacionalismo. No Pré-Modernismo, o olhar para as regiões brasileiras volta com maior crítica por Monteiro Lobato e Euclides da Cunha, culminando com autores da década de 30, em obras marcadas pela revelação das mazelas de um país que desconsidera algumas partes de seu território. Após essa fase, nas últimas décadas do século XX, a literatura retoma as narrativas da cidade em busca de revelar o caos e a violência presentes em seus arredores, principalmente nas periferias. Alguns autores, isoladamente, tratam de enredos regionais, sem muita visibilidade. No século XXI, a literatura contemporânea resgata, por meio de algumas obras, o

regionalismo crítico, mas com algumas diferenças. Embora sejam contemplados os aspectos negativos de abandono e descaso do poder público já tratados por autores do passado, busca-se mostrar a questão identitária que marca um povo. A cultura é mostrada em sua diversidade e beleza associada a uma gente corajosa que luta pela sobrevivência e ama a terra, ainda que esta nem sempre seja própria de fato.

O romance *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, é marcado por esse regionalismo que se utiliza de estilo contemporâneo repleto de lacunas que estimulam a imaginação do leitor, com um toque de magia, revelador da cultura africana pela forma de uma entidade que age por meio de pessoas que lhe dão suporte na Terra. Dessa forma, reúnem-se elementos da literatura tradicional à estrutura contemporânea que ressalta tanto o local quanto o universal, pois o sonho de liberdade e busca de se viver dignamente é inerente à condição humana.

Este trabalho visa, portanto, analisar a obra contemporânea *Torto Arado*, em seus aspectos estruturais e semânticos. O enredo nos revela um Brasil desconhecido, onde a exploração e escravidão são escondidas atrás de moradia e alimento em troca de serviços. A submissão ao dono da fazenda é condição necessária para que se habite a terra. Busca-se, por meio de observação da constituição das personagens e da própria divisão da obra, ressaltar a rica elaboração técnica que se mescla ao sentido, promovendo reflexões ao leitor sobre a realidade circundante e a necessidade de transformações. A fim de alcançar o objetivo proposto à presente pesquisa, apoiamo-nos em reflexões de Bakhtin (2008), Antonio Candido (2000/2011), Fanon (2008) e Alfredo Bosi (2018), bem como em outros autores que colaboraram com estudos em torno do tema. Em um segundo momento, houve a análise estrutural e semântica da narrativa, com destaque ao aspecto do engajamento literário presente nas ações de resistência dos personagens à sua condição de submissão.

Amor à terra e desenvolvimento da consciência cidadã

Itamar Vieira Júnior, nascido em Salvador, é escritor da obra *Torto Arado* que ganhou prêmio Jabuti. A história retrata um Brasil invisível, mostrando por meio de uma obra fictícia, situações ainda presentes nos dias atuais no Nordeste e em muitas outras partes do Brasil.

O romance, dividido em três partes, retrata uma realidade presente no Brasil, ainda que veladamente. A primeira parte intitulada *Fio de Corte* revela o acontecimento entre as irmãs Bibiana e Belonísia que muda para sempre suas vidas e logo tem-se detalhadamente a introdução à história da vida em Água Negra, com a presença forte da cultura negra por meio da religião que auxilia na manutenção de tradições quilombolas. Durante a narrativa, vê-se o quão suportiva é a crença religiosa para os moradores da fazenda da família Peixoto e o quão gratos todos são por terem “ganhado” um pedaço de terra para o plantio, apesar de não perceberem a continuidade de uma espécie de escravidão moderna, devido à exploração contínua e ausência de direitos. Com a narração de Bibiana, nessa primeira parte, o leitor toma conhecimento de um acidente com a faca da avó Donana. Bibiana e a irmã se acidentam, quando crianças, e uma delas perde a língua, mas não se revela qual das duas perde a língua:

Belonísia tentou tirar a faca de minha mão e eu recuei.” “Me deixa pegar, Bibiana” “ Espere.” Foi quando coloquei o metal na boca, tamanha era a vontade de sentir seu gosto, e, quase ao mesmo tempo, a faca foi retirada de forma violenta. Meus olhos ficaram perplexos, vidrados nos olhos de Belonísia, que agora também levava o metal à boca. Junto com o sabor do metal que ficou em meu paladar se juntou o gosto do sangue, que escorria pelo canto de minha boca semiaberta, e passou a gotejar em meu queixo.” (...) “Seus lábios ficaram tingidos de vermelho, não sabia se tinha sido a emoção de sentir a prata, ou se, assim como eu, tinha se ferido, porque dela também escorria sangue. (VIEIRA JÚNIOR, p. 10- 11)

Apenas mais à frente, é revelado, na obra, que Belonísia é quem se fere, por isso, a irmã, Bibiana, fala por ela. As duas desenvolvem uma relação forte,

devido à fatalidade. No decorrer da narrativa da primeira irmã, é traçado um painel revelador das relações entre os moradores da fazenda e o dono:

Elas falavam da visita dos potrões às roças da fazenda. Queria saber se eles haviam chegado por aqui, se tinham levado as batatas do nosso quintal também. “Mas as batatas do nosso quintal não são deles.”, alguém dizia, “eles plantam arroz e cana. Levam batatas, levam feijão e abóbora. Até folhas pra chá levam. E se as batatas colhidas estiverem pequenas fazem a gente cavoucar a terra para levar as maiores” – disse Santa, arregalando os olhos para mostrar sua revolta. Que usura! Eles já ficam com o dinheiro da colheita do arroz e da cana!” (...) Nós é que não conseguíamos comprar nada, a não ser quando vendíamos a massa do buriti e o azeite de dendê, escapulindo dos limites da fazenda sem chamar atenção. “ Mas a terra é deles. Agente que não dê que nos mandam embora. Cospem e mandam a gente sumir antes de secar o cuspo” – algém disse, num sentimento de deboche e indignação. (VIEIRA JÚNIOR, p. 38)

Desde as primeiras observações da narradora, pode-se observar sua crítica ao sistema em que vivem. Quando conhece o primo Severo, que também se revolta com a forma como são tratados na fazenda, encontra um parceiro de sonhos e começam a namorar:

Ele se sentia à vontade para falar sobre seus sonhos, tinha planos de estudar mais e não queria ser empregado para sempre da fazenda Água Negra. Queria trabalhar nas próprias terras. Queria ter ele mesmo sua fazenda, que, diferente, dos donos dali, que não conheciam muita coisa do que tinham, que talvez não soubessem nem cavoucar a terra, muito menos a hora de plantar de acordo com as fases da lua, nem o que poderia nascer em sequeiro e na várzea, ele sabia muito mais. Havia sido parido pela terra. Achava engraçado vê-lo utilizar essa imagem para afirmar sua aptidão para a lavoura.” (VIEIRA JÚNIOR, p.62)

Há, então, certo distanciamento da irmã que, inicialmente, também estava interessada no primo. Ambas se afastam pela primeira vez, desde o acidente e cada uma segue seu caminho. Bibiana, com ciúme, em determinado momento, inventa para a mãe que a irmã havia beijado Severo. Belonísia apanha por isso

e fica magoada. Ambas, a partir de então, cortam a amizade que sempre as unira: “Belonísia ficou por semanas sem me olhar diretamente. Passava do quarto para a sala, ou mesmo para o quintal ou terreiro, interagia com os outros irmãos, mas me ignorava.” (VIEIRA JÚNIOR, p. 40) Com o passar do tempo, Bibiana engravida e vai embora com Severo. A irmã, ainda jovem, recebe o convite de Tobias para morar junto e aceita com aprovação do pai.

Vemos, também, a importância de Zeca Chapéu Grande para a comunidade, afinal, ele era a pessoa quem mantinha os laços culturais vivos por meio da religião. E, como era respeitado pela comunidade e patrões, auxiliava também na manutenção da ordem, convencendo aos companheiros que deveriam ser gratos pelo que recebiam: “Zeca nos fez saber, em muitas oportunidades, que falar mal de quem havia nos acolhido e permitido que morássemos e dali vivêssemos era ingratidão.” (VIEIRA JÚNIOR, p.114). Ao final, Zeca fica doente e falece, levando com ele a força das tradições do jarê:

Depois da morte de Zeca Chapéu Grande, quem pôde foi pra outra casa de jarê, procurar um novo curador para retirar a mão do velho e colocar a nova sobre a cabeça. Nos últimos dois anos, depois do fim das celebrações de jarê na fazenda, duas famílias haviam se convertido ao evangelismo, mas continuavam a conviver com as demais sem conflitos aparentes, ainda que renegassem, em privado, as práticas antigas. (VIEIRA JÚNIOR, p. 226)

A segunda parte, nomeada Torto Arado, é narrada por Belonísia que fala do local e principalmente de todo o seu amor pela terra onde vive. A jovem, ao amasiar-se de Tobias, logo percebe o erro, pois com o tempo, o homem passa a maltratá-la. Ao contrário da irmã, não tem sonho de sair da terra que amava:

Diferente de Bibiana, que falava em ser professora, eu gostava mesmo era da roça, da cozinha, de fazer azeite e de despolpar o buriti. (VIEIRA JÚNIOR, p. 83)
(...) Trabalhar a terra tinha desses sentimentos bons de amansar a o peito, de serenar os pensamentos ruins que me cercavam. (Idem, p. 105)

O marido de Belonísia falece, após algum tempo, e ela, traumatizada com a experiência, prefere ficar em companhia da terra, em sua casa:

Não pretendi me juntar de novo a alguém, não queria casar nunca mais. Conservaria a casa e o pedaço de terra que a cercava porque talvez fossem tudo que pudesse ter na vida. Só assim poderia experimentar o sofrimento como o sentimento que unia a todos que viviam em Água Negra e em muitas outras fazendas de que tínhamos notícia. (VIEIRA JÚNIOR, p. 121)

Após uns anos, pelas palavras de Belonísia, sabe-se que Bibiana e Severo retornam à terra mais amadurecidos sobre o conhecimento de direitos. Ela realiza o grande sonho de se formar professora e, junto ao marido, conversam com os moradores, passando-lhes noções de direitos, os quais a população que habitava a fazenda não conhecia: “Quando Severo viajava para encontrar o povo que lhe ensinava as coisas, sobre a precariedade do trabalho, sobre o sofrimento do povo do campo, eu dormia na casa de Bibiana para lhe fazer companhia (VIEIRA JÚNIOR, p. 156).

O momento em que Bibiana e Severo voltam à fazenda e reúnem um grupo de pessoas para lhes passar as informações de que eles têm direitos como cidadãos, a situação começa a se transformar, pois aquela população que fora ensinada por um longo período de tempo que deveria respeito e fidelidade aos donos de fazenda, devendo, ainda, agradecê-los, já que faziam muito cedendo as terras para plantio e construção de suas casas, mesmo que fossem de barro. Zeca compartilhava essa visão de que não deveriam brigar por direitos, mas agradecer à oportunidade de terem onde viver e plantar, ainda que explorados nas partilhas.

Por sua militância, Severo é assassinado. A investigação policial não apura corretamente o ocorrido, mas alega que o possível motivo seja disputa de tráfico por uma plantação de maconha descoberta em uma área próxima, o que revela o descaso e a seletividade policial com os negros e menos desafortunados, trabalhadores do arado:

Os agentes foram até as casas das pessoas que supostamente tinham visto o veículo em fuga. Anotaram a cor do carro. Os vidros escuros, disseram eram um obstáculo para saber quantos e quem estava em seu interior... Quando os moradores responderam sobre os desentendimentos com o dono da fazenda, os policiais se deram por satisfeitos, não prosseguiram... algumas semanas depois, surgiu a notícia que o inquérito havia sido concluído. Que haviam descoberto um plantio de maconha numa área próxima aos marimbus. Que Severo havia sido morto numa disputa do tráfico de drogas na região. (VIEIRA JÚNIOR, p. 216)

No desfecho da história outro assassinato acontece, o de Salomão, dono da fazenda. Nesse caso, a polícia age de forma diferente, visto que se trata de pessoa importante, favorecida financeiramente:

No mesmo dia, vieram duas viaturas da polícia com investigadores. A fazenda ficou sitiada de homens armados colhendo depoimentos de todos que haviam encontrado Salomão: ... (VIEIRA JÚNIOR, p. 252)

Queriam saber sobre possíveis ameaças que a vítima ou terceiros tivessem comentado com os subordinados, sobre desafetos entre os trabalhadores e Salomão, sobre movimentos suspeitos, carros, motocicletas, desconhecidos que tivessem passado nas últimas semanas pela fazenda, que tivessem estudado seus hábitos. (Idem, p. 253)

Felizmente, as mudanças pelas quais Severo e Bibiana lutam são atendidas, como a construção de casas de tijolo, direitos de aposentadoria, luz e televisão e principalmente o direito à terra. Apesar de lentas, as transformações caminham em direção ao fim da opressão com muita luta do povo de Água Negra e mantendo todo o amor da população que ali reside a terra.

Na última parte, *Fio de Sangue*, temos a narração por meio da entidade Santa Rita Pescadeira, um ser onisciente que olha por todos os residentes. Ela nos mostra lembranças da trajetória dos homens, especialmente, dos desfavorecidos:

Meu povo seuiu rumando de um canto para outro, procurando trabalho. (...) Os donos já não podiam termais escravos por

causa da lei, mas precisavam deles. (...) Passaram a lembrar para sus tralhadores como eram bons, porque davam abrigo aos pretos sem casa, que andavam de terra em terra procurando onde morar. Como eram bons, porque não havia mais chicote para castigar o povo. Como eram bons, por permitirem que planteassem seu próprio arroz e feijão, o quiabo e a abóbora. A batata doce do café damanhã. “ Mas vocês precisam pagar esse pedaço de chão onde plantam seu sustento, o prato que ocmem, porque saco vazio não fica em pé. Então, vocês trabalham nas minhas roças e, com o tempo que sobrar, cuidam do que é de vocês. Ah, não pode construir casa de tijolo, nem colcoar telha de cerâmica. Vocês são trabalhadores, não podem ter casa igual a dono. (VIEIRA JÚNIOR, p. 178)

Lamenta a morte de Zeca que a possibilitou contato com os terrenos: “Montei meu cavalo por anos que nem posso contar. Mas agora, sem corpo para me apossar, vago pela terra. (Idem, p. 179). A encantada vai contando desde os primeiros tempos, sobre as crueldades vistas dos ricos sobre os pobres, principalmente sobre os negros escravizados:

Sou uma velha encantada, muito antiga, que acompanhou esse povo desde sua chegada das Minas, do Recôncavo, da África. Talvez tenham esquecido Santa Rita Pescadeira, mas a minha memória não permite esquecer o que sofri com muita gente, fugindo de disputas de terra, da violência de homens armados, da seca. (VIEIRA JÚNIOR, p. 184)

Dessa forma, desfia a história da família de Zeca Chapéu desde Donana. É possível compreender vários pontos não explicados anteriormente. Nesse sentido, a narrativa polifônica, contada por três vozes diferentes, Bibiana, Belonísia e a encantada mostra as várias faces dos problemas que vão aparecendo na vida dos habitantes. Conforme Bakhtin (2008),

Em toda parte é o cruzamento, a consonância ou a dissonância de réplicas do diálogo aberto com as réplicas do diálogo interior dos heróis. Em toda parte um determinado conjunto de ideias, pensamentos e palavras passa por várias vozes imiscíveis, soando em cada uma de modo diferente. (BAKHTIN, 2008, p.308).

A narração se dá de modo não linear, com a presença de momentos atuais da história e ao mesmo tempo fatos antigos, com um caráter de suspense, fazendo o leitor se interessar mais pela obra afim de solucionar o grande mistério. Os elementos de grande suspense se dão pela língua que é arrancada e o autor não revela até a segunda parte quem é a menina que perdeu a língua. Também há nesse meio a misteriosa faca de Donana, a avó, a morte do marido de Bibiana e, por fim, a morte do dono da fazenda, Salomão, o que nos faz supor quem seja o culpado. A polifonia presente nos ajuda a entender a história por completo, pois todas as lacunas abertas nas partes contadas pelas irmãs são fechadas com a narração da entidade que, por ser onisciente, mostra tudo o que precisamos saber para entender e concluir a história.

O romance apresenta vários personagens unidos pela terra em comum em que trabalham. A data não é precisa, mas parece acontecer por volta dos anos 70/80 e revela como a servidão é um processo aceito entre aqueles que são explorados por não terem oportunidades. Os ideais da época da escravidão ainda são vivos pelo dono da fazenda em que os trabalhadores vivem. Inicialmente, temos Donana, uma senhora bem religiosa, avó de Belonísia e Bibiana, que toma conta das crianças enquanto seu filho Zeca e a esposa trabalham na fazenda para conseguir dar uma morada e comida a sua família em troca de serviços aos senhores da terra. Após o acidente com as filhas de Salustiana, Donana falece. Algumas semanas após o ocorrido, Crispina chega à casa de Zeca Chapéu Grande com loucura, e ele como curador de jarê a coloca pra dentro de casa para que seja cuidada por ele e depois possa voltar normalmente para sua família: "(...) tinha sua paternidade ampliada aos aflitos, doentes, necessitados de remédios que não haviam nos hospitais, e da sabedoria que não havia nos médicos ausentes daquela terra." (VIEIRA JÚNIOR, p. 33)

Com a luta coletiva, ao lado do jarê, que promove força espiritual, os direitos vão sendo, lentamente conquistados. As primeiras aposentadorias se tornam possíveis e, assim, o medo das estiagens duradouras já não se faz

presente. As casas começam a ter melhor mobília, embora ainda restem desafios a serem vencidas pela comunidade quilombola de Água Negra:

Era como se, passado tanto tempo tralhando sem qualquer remuneração, agora entendessem que tinham direito a receber um ordenado todo mês.

(...)

Apesar das mudanças lentas, muitas interdições impostas pelos fazendeiros ainda existiam. O dinheiro não era usado para a melhoria das casas, que continuavam a ser de barro, não posíamos construir casa de alvenaria. Mas o povo começou a melhorar o seu interior: colchões de espuma para substituir colchões de palha de milho, uma cama, mesa e cadeiras, remédios, roupas e alimentos. (VIEIRA JÚNIOR, p. 135)

A geração mais jovem compreende, em meio a tantas privações, que não há ingratidão quando se requisita justiça. Logo, a consciência cidadã desperta, provoca mobilizações e assusta os detentores do poder:

Pesava na decisão justamente o trabalho para os fazendeiros, que foi mantido entre nós e atravessou gerações. Zezé queria dizer ao nosso pai que não nos interessava apenas a morada. Que não havia ingratidão. “Eles que não nos foram gratos, corre boato que querem vender a fazenda sem se preocupar com agente”, dizia para mim e Domingas. “Queremos ser donos de nosso próprio trabalho, queremos decidir sobre que plantar e colher além dos nossos quintais. Queremos cuidar da terra onde nascemos, da terra que cresceu com o trabalho de nossas famílias. (VIEIRA JÚNIOR, p.164)

Embora Severo seja assassinado devido às suas ideias, deixa sementes que geram frutos. A encantada que tudo acompanha desde o início dos séculos, por ser entidade mágica, parece sentir-se aliviada ao final com as mudanças e com a morte misteriosa do dono da fazenda. A terra, enfim, destina-se a quem realmente a merece: “Era um desejo antigo, sufocado pelos interditos. Queriam ter casas de alvenaria. Queriam moradas que não se desfizessem com o tempo e que demarcassem de forma duradoura a relação deles com Água Negra.”(VIEIRA JÚNIOR, p. 224). Quando decidem lutar contra o dono que

resiste às transformações, preparam-se para a guerra. No entanto, em meio à disputa, Salomão, proprietário das terras, é assassinado e a justiça se encaminha a uma reintegração de posses a favor dos habitantes.

Regionalismo e identidade cultural

A literatura regionalista data do século XIX no Brasil, inaugurada pelo Romantismo que buscou, de modo idealizado, celebrar as belezas do campo e a pureza de seus habitantes distanciados da corrupção provocada pela civilização. Desde então, passou por diversas fases e formatos, sobretudo, pelo destaque às condições de precariedade e abandono dessas áreas pelo poder público. Contemporaneamente, pode-se dizer que muitas obras tratam os:

(...) mecanismos da memória, tingidas por interpretações da história do país, pondo em relevo estratégias ficcionais de recuperação da memória coletiva e histórica, mas também da pessoal, em que se mesclam o local e o nacional, o particular e o universal. (CURY, 2007, p. 11)

As produções do século XXI, em especial, voltadas a narrativas situadas em determinadas regiões, revisitam o passado criticamente e superam as características que as delimitam unicamente como regionais, visto que o particular e o universal convivem. Dramas pessoais são metonímias simbólicas de expressão de luta de um grupo. No caso da obra analisada, acompanha-se a trajetória de uma comunidade quilombola há séculos sofredora e oprimida.

Em *Torto Arado*, o engajamento literário mostra-se visível pelo cotidiano dos habitantes do interior do sertão brasileiro, no fictício povoado de Água Negra. O perfil colonial é visível, sobretudo porque os habitantes são, em maioria, negros e dão continuidade a uma espécie de escravidão atualizada pela partilha do que plantam e precariedade em que vivem. Segundo Bosi (2018):

O Nordeste, de onde vieram os clássicos do neorealismo, tem concorrido com uma copiosa literatura ficcional, que vai do simples registro de costumes locais à aberta opção de crítica e engajamento que as condições da área exigem. (BOSI, 2018, p.385).

Na obra em questão, encontra-se o registro cultural dos moradores, como as crenças por meio da religião e lendas. Em meio à dificuldade de sobrevivência, principalmente em tempos mais secos, quando a colheita não é favorável, a fé inabalável e os rituais do jarê, religião de matriz africana, são mostrados como fonte de cura e fortalecimento, sobretudo espiritual:

Vi o horror se instaurar nos olhos da minha mãe. Não era a primeira, nem segunda, nem terceira vez que chegava alguém desvairado. E certamente não seria a última que se internaria em nossa casa, como diziam que faziam num hospital para os que enlouqueciam. Não eram hóspedes, visitas ou convidados. Eram pessoas desconectadas de seu eu, desconhecidas de parentes e de si. Eram pessoas com encosto ruim, conhecidos e também desconhecidos de todos. Eram famílias que depositavam suas esperanças nos poderes de Zeca Chapéu Grande, curador de jarê, que vivia para restituir a saúde do corpo e do espírito aos que necessitavam. Desde cedo, havíamos precisado conviver com essa face mágica do nosso pai. (VIEIRA JÚNIOR, p. 27-28)

Ao lado das tradições que destacam o aspecto regional de um grupo, há, também, o universal, pois o sonho de libertação de um sistema opressor, revela-se, principalmente, por meio de alguns jovens, entre eles, uma das narradoras, Bibiana. Nesse sentido, Candido (2000) se refere ao super-regionalismo, quando analisa obras ao perfil das de Guimarães Rosa, visto que ultrapassam o local e atingem o viés universal. Segundo o crítico, a riqueza dessas obras justamente por revelarem:

(...) como é possível superar o realismo para intensificar o senso do real; como é possível entrar pelo fantástico e comunicar o mais legítimo sentimento do verdadeiro; como é possível instaurar a modernidade da escrita dentro da maior fidelidade à tradição da língua e à matriz da região. (p.121)

Seguindo essa linha, observa-se na obra a síntese entre o regionalismo que destaca o local e o aspecto universal enfatizado pelo grande sonho da vida digna livre de opressão de qualquer tipo. Fanon (2008) afirma que “O problema da colonização comporta assim não apenas a intersecção de condições objetivas e históricas, mas também a atitude do homem diante dessas condições” (p. 84). Assim, embora Zeca Chapéu, líder espiritual, entenda que a alfabetização seja importante e use sua popularidade para solicitar ao prefeito uma professora para a fazenda, percebe o conformismo diante do tratamento recebido. O curador, respeitado por todos, afirma que é necessário agradecer ao dono da fazenda pela aceitação de que usufruam da terra. O patrão faz exigências aos moradores para que não criassem nenhum vínculo material com o espaço. Então, seria necessário seguir algumas regras:

Podia construir casa de barro, nada de alvenaria, nada que demarcasse o tempo de presença das famílias na terra. Podia colocar roça pequena para ter abóbora,[...] nada que desviasse da necessidade de trabalhar para o dono da fazenda, afinal, era para isso que se permitia a morada. (VIEIRA JÚNIOR, p. 41).

Ao lado do conformismo, diante da exploração, aparece a fé inabalável dos personagens. Em determinada época, o Nordeste sofre com uma grande seca, que deixa famílias sem o que comer e sem o que beber, por isso, precisam tentar vender alguns de seus produtos em feiras da cidade próxima. A população almeja pela chuva já que até o gado começa a morrer e a terra não produz. Contudo, as festas de jarê continuam a acontecer a fim de uma mudança do tempo, um milagre. Em uma das reuniões, uma entidade se manifesta em um dos cavalos, nome que se dá à pessoa que recebe os santos:

Foi naquele período , nas festas de jarê que continuavam a acontecer , mais modestas, mas na esperança de mobilizar o panteão de encantados para que trouxessem a chuva e a fertilidade à terra, que apareceu uma misteriosa, encantada, de quem nunca h avíamos ouvido falar. Nada se sabia sobre ela entre os encantados que corriam de boca em boca, muito menos

havia sido vista se manifestar nas casas de jarê da região. (...) Quando ela se anunciou como Santa Rita Pescadeira, os tambores silenciaram e uma comoção tomou conta dos presentes. Era possível distinguir os questionamentos no meio da audiência, se a encantada de fato existia ou não, e por que até então não havia se manifestado, já que aquele jarê era tão antigo quanto a fazenda e os desbravadores daquela terra. (VIEIRA JÚNIOR, p.69-70)

Santa Rita Pescadeira, é a mesma entidade que levou a chuva para o sertão no momento mais difícil, que Zeca caracterizou como “A pior seca desde 1932” (VIEIRA JÚNIOR, p. 67). A utilização do yorubá, língua muito utilizada pelos negros durante a escravização no Brasil, ocorre nas práticas religiosas. Palavras como lansã, cavalo, brincadeira de jarê, Velho Nagô, encantados, xanã, adê, dentre outras constituem o léxico herdado da cultura africana que povoa a narrativa. Os ritos praticados vêm de uma região da Bahia chamada Chapada Diamantina. O Jarê é conhecido por ser uma fusão de Bantu-Yorubá que representa uma vertente menos ortodoxa do candomblé com a presença do sincretismo. O local, conhecido pelo minério, abrigava uma grande concentração de negros vindos da África para trabalharem nas mineradoras, e ali surgiu a religião que se espalhou por toda a área rural. Muito parecido com o Candomblé, o Jarê conta com pais ou mães-de-santo, conhecidos como curadores. Segundo artigo de Alves e Rabelo (2009),

Considera-se que o papel de curador é imposto sobre aqueles que o desempenham; são seus os caboclos que forçam o indivíduo a tornar-se curador, causando-lhe toda uma série de infortúnios até que ele resolva acatar seu destino. (p.3)

Em *Torto Arado*, Donana, mãe de Zeca Chapéu sofre várias desventuras por não aceitar o chamado para ser curadora e, por isso, passa ao filho a missão. Dessa forma, observa-se o peso das crenças e das tradições religiosas que comandam também o modo de vida dos personagens, visto que, por meio das rezas e curas, encontram sentido além do mero trabalhar e dividir alimentos. É

preciso uma conexão com o transcendente para que a existência se complete e é pelo sincretismo religioso de antigas práticas africanas que isso ocorre. Logo, a busca para desenvolver o lado espiritual em consonância com as práticas diárias, associada aos anseios humanos de uma vida mais justa e livre, configura-se como traço universal imerso no regional.

Considerações finais

Espera-se ao final do trabalho que as reflexões geradas pela obra *Torto Arado* sobre os desafios enfrentados na busca da libertação de um sistema opressor herdado do tempo colonial. Nesse sentido, o engajamento literário desperta o olhar crítico à necessidade de mobilizações constantes, pois, apenas dessa forma será possível superar o desejo de perpetuar tais práticas pela classe privilegiada. A obra revela um Brasil invisível distante do espaço urbano, cujos habitantes sofrem o desamparo diante do opressor. A naturalização da condição subserviente percorre gerações, mas em dado momento, alguém percebe o problema. Sempre haverá quem chame a atenção dos demais sobre a condição de injustiça e esse é o grande valor da obra. Embora a narrativa se passe no século XX, atualiza a discussão em torno da escravidão contemporânea em vários locais afastados dos grandes centros em que adultos e crianças servem de mão de obra pesada e barata.

O engajamento social presente na narrativa, no entanto, não diminui a elaboração estética que se utiliza de técnica cuidadosa. A linguagem é repleta de poesia ao lado da divisão em partes da narração. A polifonia enriquece a construção que deixa algumas lacunas iniciais a serem desvendadas com a onisciência final da narração por um ser mágico que tudo conhece desde a gênese das injustiças que trilharam séculos. Com o uso do estilo contemporâneo, trata-se do regional, com seus costumes e tradições, ao lado do universal, que enfatiza a grandiosidade dos sonhos e a importância da união

entre os seres. Dessa maneira, a importância desse romance ganha contornos sociais e estéticos que, em conjunto, colaboram para a sua beleza.

Referências

ALVES, Paulo César; RABELO, Míriam Cristina. **O Jarê: religião e terapia no candomblé de caboclo**. V ENECULT- Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. 2009. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador – BA, página 3

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 52 ed. São Paulo: Cultrix. 2017.

CURY, Maria Zilda Ferreira. **Novas Geografias narrativas**. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 42, p. 7-17. 2007.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira . - Salvador : EDUFBA, 2008.

JUNIOR, Itamar Vieira. **Torto Arado**. 1ª ed, 2019. São Paulo: Editora Todavia, 2019.

PIRES, Vera Lúcia; TAMANINI-ANDAMES, Fátima Andréia. **Desenvolvimento do conceito bakhtiniano de polifonia**. Estudos Semióticos. [on-line] Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>. Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 6, Número 2, São Paulo, novembro de 2010, p. 66–76.

TÁVORA, F. **O cabeloira**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1969.

SANTINI, Juliana. **Realidade e representação no romance regionalista brasileiro: tradição e atualidade**. O eixo e a roda, Belo Horizonte, v. 23, n.1, 2014.